



# Call Girl

*qual é a aposta do encontro?*

JERÔME DUBOIS

Tradução de José Carlos Rocha

Extract from p. 74-79; n° 7/8  
Revista `Acadêmica de Pós-  
Graduação da Faculdade de  
Comunicação Social de Cásper  
Líbbero; 2001 Brazil

**Resumo:** Uma instalação da artista canadense Nadine Norman, na qual comediantes se apresentam como *call girls* em encontros anunciados como 100% diálogo, oferece a ocasião para uma reflexão sobre as demandas feitas à mulher pelo desejo masculino no teatro de trocas eróticas. Na subversão da demanda e na desconstrução do desejo emerge uma estética relacional configuradora de uma ética do encontro íntimo entre pessoas.

**Palavras-chave:** 1. Encontro; 2. Desejo; 3. Estética relacional

**Abstract:** The Canadian artist Nadine Norman's installation, in which comedians are presented as "call girls" in datings represented by 100% dialogue offers an opportunity to consider the requests directed to woman by the male desire in the theater of erotic interchanges. The request's subversion and the deconstruction of the desire rises out a related aesthetics which configures an ethics of an intercourse among people.

**Keywords:** 1. Dating; 2. Desire; 3. Related aesthetics.



As fotos que acompanham este texto integram a instalação de Nadine Norman e estão sendo publicadas com autorização de seus curadores ao autor.

## CALL GIRLS: QUAL A APOSTA DO ENCONTRO?

Tal é a questão, no mínimo radical, que se subentende com a instalação<sup>1</sup> da artista canadense Nadine Norman. Esta obra aberta e nômade vai seguir seu itinerário pelo mundo, após ter passado por Paris (de 17 de dezembro de 1999 a 29 de fevereiro de 2000), e vai projetar a pertinência de sua lógica interna sobre as culturas e os costumes tomados como matéria para a reflexão.

A inteligência subversiva e a audácia que operam aqui consistem em abrir espaços para a palavra, em propor e induzir a uma situação reflexiva nos interstícios de nossas representações sedimentadas (a imaginação criadora não está aí para se desprender de toda representação?), aí onde o princípio de realidade, o real, se desdobra do princípio do prazer; aí, também, onde o fantasma dá lugar à palavra, ao reconhecimento do outro como sujeito também de palavra; aí onde o deslocamento dos estereótipos permite uma liberação do imaginário, um intercâmbio de ordem simbólica.

Em Paris, o projeto consistiu em transformar o velho hotel particular do século XVIII, que abriga o centro cultural canadense, em agência de *call girls*, em teatro de trocas. É necessário saber que esse estabelecimento é parte integrante da embaixada do país e, como tal, constitui um espaço de representação, negociação, contrato, exotismo, privilégio, mobilidade, imunidade e segredo. É o território canadense protegido, num quarteirão chique, sob alta vigilância, nas proximidades da Assembléia Nacional...

Uma campanha promocional de dez mil cartazes foi propagada em lugares diversos, como bares, galerias, restaurantes, hotéis, com apenas duas indicações: "*call-girl*" e "100% diálogo", e um número de telefone para "encontros gratuitos com hora marcada". O modo de promoção clássica de eventos culturais – convite, vernissage, assessor de imprensa, imprensa escrita, audiovisual, o boca-a-boca, o rumor e a curiosidade – fez o resto.

Sobre a parede da "sala de espera", uma constelação de figuras estreladas constituía a tela de fundo da mitologia empregada: "boneca, bruxa, donzela, mijona, galinha, gatinha, irmã, marafona, ordinária, porcalhona, prostituta, puta, putona, serva, sujona, tigresa, torta, vamp, virgem...".

Outro elemento decorativo: a galeria de exposição estava transformada em salão Luís XV. As *call girls* são interpretadas por comediantes<sup>2</sup> pagas segundo o salário profissional



vigente. No projeto, trata-se de se distanciar do estereótipo da *call girl*, propondo uma figura polimorfa na qual a atriz se torna o espelho das expectativas, dos fantasmas. Mas um espelho côncavo ou convexo, espelho deformador que leva os curiosos a posar e a questionar esse outro deles mesmos, o desejo, face ao mistério do outro: a mulher chamada, desejada.

O espelho se tinge de palavras, suspiros e pedidos de ar, torna-se uma área de jogos...

Durante o encontro, a negociação no ato diz respeito à necessária administração de todo território íntimo entre duas pessoas, tácito ou explícito, um contrato evolutivo segundo as disposições a assumir – um tempo a viver, um espaço a ser apropriado, um espaço-tempo a ser tornado seu (ainda que pela meia hora combinada) – nos limites que lhe são estabelecidos. Uma vez que toda liberdade se exprime através de restrições mais ou menos visíveis, um ato geralmente não é consciente das condições de possibilidades que o constituem. Aqui, o posicionamento do artista é o da disponibilidade. Como Penélope, outra figura temática comumente utilizada, o caráter primeiro, mitológico, da mulher, da *call girl*, seria o de ser paciente, disponível, mas também resistente, politicamente falando. Os atributos esquecidos da figura, além dessa imagem da fidelidade, são a inteligência livre, a independência, a ação política de resistência e o perpétuo questionamento. Pensa-se eventualmente em alargar essa qualidade ao ponto de abranger a parte feminina do homem. "Os homens continuam a considerar as mulheres como disponíveis e à espera de seus desejos". Mas esta performance está ali para desconstruir seus desejos. A *call girl* aqui não é objeto porque ela não se faz pagar, ela tem liberdade para fazer suas escolhas e para dar suas respostas aos visitantes", nos explicita Nadine Norman.

A estética compreende, então, uma dimensão política no sentido primeiro do termo, a saber, a organização da casa, do doméstico, da esfera íntima, mas esta participa do informal tanto quanto das formalidades de usos, da



polidez; entra na relação do público e do privado, em sua ambigüidade, instaurando uma tensão entre o público da embaixada e o privado de uma conversação íntima. A instalação cria um laço entre o espírito, esse que nos habita, esse que fala em nós, o desejo, e o hábitat, ou seja, o lugar que nos situa, nos coloca *in situ*, nos faz ser sujeito e cidadão situado (lugar do trabalho, do lar etc). Mas o viés artístico vem do fato que Nadine Norman integra esta abertura, que situa a figura da *call girl*, sobre um trajeto que leva a duas destinações<sup>3</sup>, e faz do salão um lugar transitório, como "uma mulher que espera o ônibus". Uma ética que se configura através do que o teórico da arte Nicolas Bourriard chama de "estética relacional" (inspirando-se na "ética estética" desenvolvida pelo sociólogo Michel Maffesoli) e transfigura o aspecto político, lhe dá vida.

O espaço não é somente um lugar dado, aberto, mas oferecido, doado, um lugar para investir afetivamente sua própria pessoa, para tomar a palavra. Partindo dessa preocupação consigo, com o outro, o intercâmbio livre pode deixar correr seu objeto como pretexto para se consagrar a um insuspeitar essencial: a ocasião de uma dragagem, de uma aprendizagem, de uma fraternidade, de um momento de humor, com o quadro proposto permitindo jogar ou não jogar o jogo em questão, uma vez que o encontro será efêmero e singular, único.

Assim, não se trata de uma simples performance artística, pois o risco é humano, não há distinção entre a pessoa que visita e a performance que vai em frente, se desenrola. É uma interação para determinar uma troca humana entre duas pessoas. E essa é uma das razões pela qual as comediantes que representam as *call girls* recusam e não encaram, de modo nenhum, a possibilidade



de rever as pessoas fora da instalação, sobretudo aquelas que elas mais emocionaram, e mesmo aquelas que elas acharam simpáticas ou interessantes. Também não será possível ao visitante vir uma segunda vez, encontrar-se com outra *call girl*, a menos que tenha outra identidade na hora de marcar o encontro na instalação.

Elas se protegem da transferência: "Tomar a palavra não é um ato anódino, alguns nos entregam sua vida, outros se calam. Para nós também o risco é grande. Somos comediantes, mas aqui é impossível se esconder atrás de um texto, de um personagem (se bem que cada uma não libera senão o que tem vontade de mostrar). Somos realmente nós mesmos". "Para ser uma *call girl* é necessário ser um pouco comediantes. A *call girl* e a comediantes têm um papel. Elas estão sobre um fio. São extravagantes. Elas se fixam limites mas terminam sempre por revelar uma parte delas mesmas, tudo depende da confiança".

Um dos jogos para os visitantes consistia em descobrir até onde a comediantes podia ir no papel que lhe fora confiado, quais eram os limites que não podia ultrapassar. (Uma estudante de artes plásticas se apresentou como uma verdadeira *call girl*, semeando um momento de perturbação no espírito da comediantes que nem por isso se desmontou, desalojando finalmente a estudante ao lhe passar a mão nos cabelos). A ficção tem também seus limites. Com efeito, embora a atriz tenha sido recrutada entre comediantes e embora os lugares sejam sentidos como ambiente montado, nenhuma senha, nenhum papel, nenhum texto é imposto. As comediantes se prestavam, por exemplo, voluntariamente ao papel de



REPRODUÇÃO

manequim, uma pessoa bela para ser olhada, à qual se pedia para andar e se virar num estrado, mas de nenhuma maneira é possível estender o braço, tocar com a mão, com exceção de um aperto de mão no fim da entrevista<sup>1</sup>.

Na calçada, uma recepcionista do centro se diverte: "Os visitantes vêm se informar. Alguns fingem não saber de que se trata, perguntam se há uma exposição para ver. Outros querem saber se é verdade que não se pode tocar com a mão".

Um fantasma caiu assim na armadilha da arte. Porque há armadilha, o aparelho sexual é evidentemente um engodo e está tudo no ingresso: 100% diálogo.

Para Nadine Norman, "o sexo está em toda parte, mas não é bastante discutido". "É o sexo que atrai os visitantes, é de sexo que falam os repórteres e é sexo a idéia que o governo faz da arte"<sup>2</sup>. Quanto a Nadine Norman, ela devolve as regras do que está anunciado como vergonhoso, mas perfeitamente organizado, a indústria do sexo, para oferecer o que é plenamente reivindicado como um valor jamais autorizado efetivamente: a palavra. Ela cria condições de possibilidades do comércio, no sentido primeiro do termo, o diálogo, recusando todo intercâmbio financeiro, rompendo os estereótipos do comércio exclusivamente trivial, de finalidade econômica ou sexual, para preservar apenas o erotismo.

Além da mulher na indústria do sexo, erótica ou sentimental, desenvolvida pelas agências de encontros, a performance remete sobretudo à relação com o outro numa sociedade indiferente, onde o laço social se rompe.

Propor a uma pessoa – que não se conhece – que fale sobre tudo o que ela sonha, eis o que diz respeito à subversão. Do mesmo modo que numa sociedade policial um grupo de pessoas é sempre muito suspeito, nada é mais subversivo do que o encontro amoroso. Sem falar da situação que conduz a questionar sobre a própria capacidade de entabular a discussão, de tentar a abertura, de se prestar ao jogo, de se tomar em pleno ultraje a soma dos desejos e dos fantasmas inibidos pelas necessidades da vida social.

No primeiro momento, o trabalho de Nadine Norman consiste em fazer desaparecer as aborrecidas preliminares de todo início de contato ou as boas maneiras que vêm no seu rastro, a fim de liberar uma palavra travada pelos usos sociais.

Isso produziu uma formidável vontade de conversar, como se o desejo de falar de si fosse mais forte do que o de jogar. Nos dois extremos, um jogador de xadrez e um escritor cuja mulher foi violada aos vinte anos. O jogador, obcecado pelo xadrez e que quer começar um partida, é



uma metáfora de amores desfeitos. E o escritor pede conselhos, após evocar a dificuldade de relações sexuais e o fato de não poder falar com a mulher sobre o que ela ressentia (não podendo conhecer este aspecto da sexualidade, ele também não poderia escrever sobre ele).

"Nós somos estrangeiros um ao outro, não temos nem passado nem futuro, temos somente este momento. Do que você quer falar?" "É mais fácil falar de coisas íntimas a um desconhecido que não se reverá jamais. Você não acha? Tive como cliente um autor de textos eróticos. Falamos de nossas experiências com palavras muito cruas, que não costumo utilizar, foi perturbador. E você, quais são seus fantasmas?"

Verdades ou mentiras? Pouco importa nesse caso, a troca de desejos sublimados, o fato de que nada das conversações, exceto partículas ou fragmentos, se tornará público, é sem dúvida o que dá às palavras intercambiadas toda sua apetência carnal, todo seu charme, sua volúpia. "Toda erotização tem por princípio uma destruição do ser fechado que se encontra no estado normal de um companheiro de jogo", nos fazia justamente pensar Bataille. "Somente a sedução se opõe radicalmente à anatomia como destino", acrescenta Baudrillard. Tal é, pois, a aposta: tornar possível a insustentável leveza do ser, exposição recíproca de desejos, auréolas de fantasmas, sua abertura ao mundo e aos outros que o fazem nascer a si mesmo, participar de seu próprio mistério, de sua frustração também.

#### Notas

<sup>1</sup> Instalação é uma forma estética que visa colocar os objetos e ou as pessoas (comediante, figurante) num lugar tal que o conjunto constitua um ambiente que se possa experimentar na prática, ensinando assim

uma interação, um diálogo, ainda que apenas por meio do corpo que se apropria do espaço de representação.

<sup>2</sup> Cada país se verá confrontado com as comediantes saídas de seus próprios costumes. A próxima cidade será provavelmente Nova Iorque, mas você pode também imaginar este trabalho no Rio de Janeiro ou São Paulo.

<sup>3</sup> Na vida ordinária, uma *call girl* é uma mulher geralmente jovem, cultivada, encantadora, que se propõe acompanhá-lo (jantar a dois, almoço de negócios, noitadas, espetáculos), intermediada por uma casa particular, uma agência. Aqui, o espaço do encontro, é bem verdade, é previamente determinado, mas o agenciamento é idêntico: publicidade e combinação por telefone, jogo de sedução, espelho. Existem também as agências de *scort boys*. O que difere da experiência da prostituta é que essas pessoas não vão até o fim do desejo do outro, não estão lá para isso, mesmo que tudo possa acontecer. É, antes de tudo, um jogo de sedução, uma seção de charme, uma interação atenciosa. Para ter uma idéia do que pode viver uma prostituta, como humilhação, basta se reportar ao terrível livro *Vie d'une prostituée*, assinado por Marie-Thérèse.

<sup>4</sup> Após cada encontro, a *call girl* perguntava se ela podia tirar uma foto polaroid da pessoa com quem acabara de conversar, com o objetivo de fazer o jornal íntimo comum às *call girls*, no qual elas anotavam, ao vivo, impressões e sentimentos. Não havia nenhuma obrigação e a maior parte das pessoas aceitou. O caderno manuscrito será talvez editado um dia.

<sup>5</sup> No Canadá, o partido reformista continuou seus ataques contra certas criações artísticas julgadas

controversas mas subvencionadas por fundos públicos, entre as quais esta performance de Nadine Norman. O ministro das Relações Exteriores, Lloyd Axworthy, respondeu que "o governo não pode interferir nas decisões dos artistas".

#### Referências Bibliográficas

- BATAILLE, Goerges. *L'érotisme*, Editions de Minuit, 1957.  
BAUDRILLARD, Jean. *De la séduction*, Editions Gallilée, 1979.  
BOURRIAD, Nicolas. *Esthétique relationnelle*, Les Presses du Réel, 1998.  
MAFFESOLI, Michel. *L'éthique esthétique*, *La revue de l'imaginaire*.  
MARIE-THÉRÈSE, *Vie d'une prostituée*, Editions Blanche, 2001.  
NORMAN, Nadine. *Call Girl*, *Collection esplanade*. Services Culturels de l'Ambassade du Canada, Paris, 2000. (Um vídeo está igualmente disponível)

**JÉRÔME DUBOIS** é pesquisador no CEAQ - Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano, Universidade de Paris V.

